

APRESENTAÇÃO

A exemplo do número 28 do *Boletim de pesquisa NELIC* (v. 17, de 2017), no qual foi divulgada uma seleção dos trabalhos expostos no simpósio *Poesia, memória e arquivo: Carlos Drummond de Andrade*, esta nova tiragem do periódico contempla parte das intervenções apresentadas durante a segunda edição do evento, *Poesia, memória e arquivo II: Manuel Bandeira*, realizado nos dias 10 e 11 de dezembro de 2018, nova promoção do NELIC com apoio do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Vale adiantar que uma segunda parcela dos textos na ocasião verbalizados será estampada no próximo número do *Boletim*.

A organização do presente volume baseou-se no movimento privilegiado pelos colaboradores em seus estudos. A dinâmica das reflexões, nesse caso, tem como ponto de partida originais assinados por Manuel Bandeira discutidos na contra-luz de produções de responsabilidade de outros escritores e intelectuais. Aqui, portanto, a poética de Bandeira é considerada sobretudo em suas mais diversas relações com outros gestos e harpejos poéticos, fornecendo uma abertura, uma fissura ou um convite, mesmo implícito, para a proposição de diálogos inter-autorais e inter-textuais que não cessam de incorporar ramificações a princípio inauditas.

É o que fica claro já no título do ensaio que abre a coletânea, “Tempos que são fantasmas (Bandeira, ouro, Megahype)”, no qual Raúl Antelo identifica, em uma série de poemas e textos de Manuel Bandeira e de alguns de seus contemporâneos, com destaque para Gilberto Freyre, Joaquim Cardoso e, passem, Humberto de Campos (travestido em Lúcio Latino), sinais de aspectos decadentes cujas ruínas detêm o poder, paradoxal, de preparar o terreno para transformações ainda por vir. As figuras do cansaço ali reconhecidas, e destacadas, não deixam de se confundir com outros entes anacrônicos que assombram vários poemas de Bandeira, como “Profundamente”, por exemplo, em que os seres nomeados podem ser vistos como espectros, mas também como *larvas migrans* cujas andanças rabiscam alguns dos mapas traçados, ou percorridos, pelas instigantes reflexões delineadas por Antelo.

Em “Joaquim Bandeira: jogos onomásticos e nova gnomonia (De Manuel Bandeira a Dalton Trevisan via Joaquim Pedro de Andrade)”, Jorge Hoffmann Wolff, por sua vez, opera a partir de hibridizações desnorteantes, ao menos para o desconforto do senso comum. Todas porém justificadas, pertinentes e expostas com fina argúcia e bom-humor. Sua “abordagem afetivo-artística” propõe um jogo ternário no qual o privilégio recai sobre três autores, três momentos, três gerações, cujas presenças são escandidas no mesmo compasso das três sílabas que concluem o nome do poema – o “Rondó do atribulado do Tribobó” –, do qual empresta a personagem que sustenta uma parcela das triangulações por ele traçadas: Joaquim Pedro de Andrade. A trindade armada no início do texto é insistentemente potencializada, desdobrando uma rede de autores e obras (notadamente literárias, pictóricas, cinematográficas e musicais) na qual referências artísticas, e co-incidências, são articuladas tendo como pano de fundo eventos marcantes da cena cultural brasileira do século XX.

“O cacto”, um dos mais celebrados poemas de Manuel Bandeira, é a peça privilegiada por André Zacchi em “A sobrevivência da estátua”. Em sua exposição o pesquisador identifica na imponência com a qual o vegetal é descrito um clamor ainda ecoante, cujo apelo ganha os contornos de uma evocação, por conseguinte rememoração, que a princípio conflui para as leituras profanas da estatuária negra realizadas por Carl Einstein, nas quais o valor de culto é posto em segundo plano com relação ao valor de exposição, para falar com Walter Benjamin. O acento sobre a reconsideração crítica de modalidades artísticas antes tidas majoritariamente como “primitivas”, senão ingênuas ou “*naïfs*”, prossegue com a menção ao provocante filme de Alain Resnais e Chris Marker, *As estátuas também morrem*, de 1953. Zacchi ressalta que tal morte, no caso bem mais que alegórica, é produzida por forças de imobilização impostas por interpretações eurocêntricas que estancam o vigor emergente de realizações artísticas provenientes de culturas africanas. Os sofrimentos dos conjuntos esculturais mencionados no poema de Bandeira, o *Laocoonte* entre eles, são na sequência projetados sobre o próprio cacto nele esculpido, cuja queda, por motivos naturais, curto-circuita o conforto dos ambientes confortáveis nos quais a burguesia se alimenta de suas hipocrisias, e as acalanta. Justo por caírem as imagens, no caso do cacto e das estátuas negras, ao modo de um pensamento paradoxal elas de imediato se erguem – cenas emblemáticas não de sacrifícios, e sim de anunciados levantes.

O estudo “Gilda e Candido (Leituras sobre Manuel Bandeira na *Revista Brasileira de Poesia* e depois)”, de Carlos Speck Pereira e Maria Lucia de Barros Camargo, constata um sugestivo alinhamento de alguns dos mais expressivos colaboradores da *Revista Brasileira de Poesia* com postulações reclamadas por Mário de Andrade, sobretudo acerca de exigências requeridas a poetas nacionais de produção posterior ao “turbilhão” modernista de 1922. Tais demandas concernem sobretudo às técnicas e processos de versificação. Os autores acompanham discussões que culminaram na cunhagem da expressão “Geração de 45”, que reverberando desde o “I Congresso Brasileiro de Poesia” passou a designar os novos e novíssimos poetas de meados do século XX, parte dos quais iriam circular em torno do *Clube de Poesia de São Paulo* e figurar na *Antologia da poesia brasileira moderna*, de 1953 (mesmo ano em que foi lançado o documentário de Resnais e Marker lembrado por André Zacchi, o que é digno de nota). “Dois poetas”, o ensaio de Gilda de Mello e Souza publicado na *Revista Brasileira de Poesia*, em 1948, é discutido com acurada minúcia por Speck Pereira e Barros Camargo para então ser confrontado com argumentos presentes na “Introdução” à *Estrela da vida inteira*, de Manuel Bandeira, que Gilda assina em parceria com Antonio Candido.

George Luiz França acompanha, em “Alô, Cotovia (Manuel Bandeira na revista *Anhembi*)”, algumas das cenas montadas ao redor do poeta nas páginas do periódico, dirigindo sua atenção, sobretudo, ao poema “Cotovia”, nele publicado, cuja conformação é lida como paradigmática com respeito à própria concepção que subjaz ao programa, e propósitos, de *Anhembi*. Afinal, como resume França, a lógica da incorporação de fragmentos de textos, próprios ou alheios, uma das marcas da poética de Bandeira, é inerente ao periodismo, cuja modernidade em boa medida se deve à segmentação, à descontinuidade e à montagem, práticas que demandam cruzamentos de referências cuidadosamente escolhidas. O estudioso por outro lado enfatiza, após cuidadosa análise do poema e de algumas opções e movimentos editoriais da revista, que tanto “Cotovia” como *Anhembi* trocam a efusão modernista, afirmativa e portanto combativa, pela reminiscência melancólica na qual os anos de outrora, após adourados, são ao final adorados.

Joaquín Correa trama uma leitura instigante de um aspecto não muito explorado pela crítica relativa à arte poética de Manuel Bandeira, embora suas reflexões compartilhem o mesmo norte apontado pela perspicácia de Raúl Antelo em “Tempos que são fantasmas (Bandeira, ouro, Megahype)”. Em “Bandeiras” o jovem ensaísta parte de criações de Lourival Cuquinha – que

com uma sorte de *patchwork* de cédulas correntes específicas de distintos países compõe réplicas das bandeiras nacionais que lhes são próprias, jogando com o caráter simbólico do dinheiro, *In god we trust* – como referência para analisar a “Carta de brasão” estampada em *Lira dos cinqüent’anos*, coletânea na qual discerne diversas manifestações de valoração provenientes de um poeta que teve de se virar para publicar boa parte de seus livros. O fulgor do ouro, trocado em miúdos, possibilita um novo e surpreendente giro interpretativo, em que gestos do poeta nacional fornecem as moedas de troca que possibilitam aproximá-lo de Arturo Carrera, tal como lido por Oswaldo Lamborghini, a partir da materialidade do ouro, emblema do excesso, do despejo e do desejo, ou seja, da falta.

A “Seção livre” que sucede ao *Dossier Manuel Bandeira* é aberta pelo artigo de Ana Carolina Randig Tavares, “Interpassividade e anonimato”. O texto propõe uma leitura de *La mala hora*, de Gabriel García Márquez, com base na análise dos bilhetes anônimos dispostos ao longo do romance. Para a autora os folhetos, ou pasquins, assumem na narrativa papel similar ao coro das tragédias clássicas, considerado segundo o viés proposto por Slavoj Žižek em *Como ler Lacan*.

Por fim, em “A tensão entre o privado e o público na tragédia *Hipólito*, de Eurípedes”, Fernando Crespim Zorrer da Silva explora os desajustes que a ausência da personagem de Teseu de seus domínios trazem para os ambientes privado e público que circundam e se intrometem na convivência, por si tensa, ademais fatal, entre Fedra e Hipólito.

* * *

Com essa edição o *Boletim de Pesquisa NELIC* volta a ser publicado após um angustiante intervalo de aproximadamente 3 semestres. A equipe de pesquisadores responsáveis pelo periódico lamenta tal interrupção, e conta com a compreensão dos estudiosos e das estudiosas cujos textos, aprovados pelo Conselho Consultivo e por pareceristas *ad-hoc*, não foram publicados segundo o cronograma usual. A insensatez de políticas dominantes no país desde os primeiros meses de 2019, que atingem com estúpido vigor campos como os da ciência, da educação e das artes, entre tantos outros, fomentou quando menos inseguranças em Universidades e centros brasileiros de produção e divulgação de conhecimentos. Um dos seus mais nefastos resultados foi, e

ainda é, o fomento menos de pesquisas que de instabilidades, das quais inevitavelmente decorrem enormes dificuldades de planejamento e consequentes quebras de expectativas. Num ambiente como este ânimos, paixões e afetos reclamam suspensões, intervalos depois dos quais, fôlegos retomados, intemoratos reensejam suas danças e clamores, dogmas à parte.

CESC